

“the greatest showman” ou “O rei do show”: uma possibilidade de trabalhar a identidade positiva e a auto aceitação

Francielly Martins Cavalcante ¹
Luciana Monteiro da Silva ²
Helder Vinicius Farias de Sena ³
Rayssa Procópio dos santos ⁴

RESUMO

Este artigo apresenta e discute os resultados de uma pesquisa realizada com um grupo de estudantes do quarto Período do Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas, localizada em Maceió – Al. Este estudo teve como objetivo trabalhar a importância do corpo e a identidade positiva, uma utilizando-se como método para análise, filme e estudo teórico como forma de enfatizar o quanto as diferenças são ainda vistas com preconceito, ao ponto de levar à segregação, exclusão e violência, para uma reflexão acerca do que é imposto, e de como devemos nos reconhecer enquanto sujeitos de mudança para que possamos modificar o meio em que vivemos e que para que possamos nos entender enquanto coletivo .

Palavras-chave: Educação, Corpo, Identidade, Preconceito, Diversidades.

INTRODUÇÃO

Mesmo tendo consciência das diferenças presente na sociedade, tem crescido cada vez mais o número de agressões físicas, psicológicas e verbais contra a comunidade LGBT, à pessoas com necessidades especiais, negros, mulheres, fatos que são presenciados no cotidianamente. O que tem causado grande preocupação, pois essa forma de preconceito vem se tornando cada vez mais arraigado e conseqüentemente acaba levando à formas mais extremas de violência, segregação, e exclusão contra as pessoas que são ditas como “minorias”. Logo, o preconceito, a não aceitação das diferenças causa inúmeros problemas, como: suicídio, transtornos, medo, isolamento e o auto-preconceito que impede o indivíduo de se aceitar, causando uma crise de identidade. Assim, a educação tem sido um dos caminhos para poder trabalhar todas essas questões que a sociedade vem vivenciando há anos. A escola

¹ Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, francielly.martins19@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, luciana19mo@hotmail.com;

³ Graduando do Universidade Estadual de Alagoas - UFAL, helder_vinicius.farias@hotmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, rayssasantos9887@gmail.com;

tem um papel fundamental em buscar trabalhar a identidade positiva, de fazer com que os estudantes saibam lidar com o corpo, com suas diferenças de cor, de raça de gênero.

Diante dessas questões é, o objetivo é trabalhar o corpo e a identidade positiva do indivíduo na sociedade, utilizando-se para metodologias do estudo filme tendo como referencial teórico Miguel Arroyo, Denise Ferreira, Celso Eduardo Olivier e Andreia Mendes Santos. Os estudantes que desenvolveram este estudo foram Francielly Martins Cavalcante, Luciana Monteiro da Silva, Rayssa Procópio dos Santos, Helder Vinícius Farias de Sena.

Assim, a educação tem sido um dos caminhos para poder trabalhar todas essas questões que a sociedade vem vivenciando há anos. A escola tem um papel fundamental em buscar trabalhar a identidade positiva, de fazer com que os estudantes saibam lidar com o corpo, com suas diferenças de cor, de raça de gênero.

METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica qualitativa, a partir do levantamento dos dados coletados por meio do filme e embasamentos teóricos.

DESENVOLVIMENTO

O corpo é movido por intenções provenientes da mente. As intenções manifestam-se através do corpo, que interage com o mundo, que dá uma resposta para o corpo, que informa a mente através de seus órgãos sensoriais, que, analisando as respostas obtidas do ambiente, muda ou reafirma suas intenções, utilizando o corpo para novas manifestações. (OLIVIER, 2015, p. 127).

Tal questão nos leva à pensar em: como é visto esse corpo na sociedade? Uma sociedade onde os padrões de beleza dizem mais que tudo, onde o que importa é a aparência e não o caráter, a moral. Cientes das diferenças que compõem a sociedade, é crescente nos últimos anos, o número de mortes e agressões a negros, a comunidade LGBT, índios, as pessoas portadoras de deficiência. Os ditos como “minorias”, são marginalizados, estigmatizados e segregados, por padrões de beleza e pelo preconceito tão arraigado em nossa cultura.

São essas e outras questões, que presenciamos no grande espetáculo que é o filme “O rei do show”, que gira em torno não apenas um amor de infância, que buscar enfrentar barreiras para vivenciá-lo, mas, nos dá uma lição extremamente importante sobre o respeito as diferenças sociais, trabalhando as diferenças e os corpos segregados através da arte, do musical que encanta e emociona a todos.

Todas essas questões são presenciadas em muitas cenas do filme, no momento em que é dado trabalho para pessoas estigmatizadas e segregadas socialmente, isoladas de ter contato como com o mundo a sua volta, como uma forma de inclui-las. Diante disso, Barnum passa a espalhar cartazes pela cidade em busca de pessoas exóticas e diferentes, passado ele mesmo ir atrás de algumas dessa pessoas. Outra cena, é quando criança, depois da morte de seu pai, o mesmo tem que buscar meios para sobreviver e acaba roubando um pão. Barnum acaba sendo agredido e nesse momento uma senhora o ajuda, dando-lhe uma maçã. A mulher que fez tão grande ato, tinha seu rosto desfigurado; o que foi estranho para o garoto e principalmente para os que estavam a volta da mulher. Outro ponto, é quando o protagonista vai a casa do anão, onde mãe do garoto diz não ter filho. O mesmo acontece, quando ele vai em busca da mulher barbuda, a mesma tem vergonha de si, é zombada no momento que ele diz que ela é bonita, e isso acontece com os demais personagens do filme. A estranheza, a crise de identidade, vem a partir do modo que somos vistos, com a forma que somos aceitos ou não, pela forma que somos discriminados por não conseguir se encaixar no padrão de beleza valorizado.

Conforme aponta Arroyo (2017), o olhar do outro nos convidando a ver-nos de outro modo. A estranheza do corpo funciona na formação da subjetividade e da alteridade. Mas também na sua destruição, quando é uma estranheza preconceituosa. E é, essa estranheza preconceituosa, que faz com que as pessoas se escondam não apenas da sociedade, mas que se escondam dentro da própria crise de identidade, dentro da solidão, tristeza e sofrimento.

O não reconhecimento das diferenças, a estranheza negativa e, a falta de respeito, acabam levando à mais violência, exclusão, estigmatização e segregação e humilhação. Fato muito recorrente no filme onde, algumas pessoas da cidade, impõem com hostilidade para que os artistas do circo saíssem da cidade, pois se tratavam de aberrações e negros. A situação de caos causada devido a intolerância vai tão longe, ao ponto de agredir os artista e tocar fogo no museu (lugar onde ocorriam as apresentações). Outro momento pertinente a ser enfatizado é sobre o preconceito racial que ao qual a trapezista sofria todos os dias devido a cor da sua pele.

Diante disso, a trajetória de Barnum nos deixa uma mensagem, do quanto o preconceito ainda está tão arraigado em nossa cultura e, do quanto é necessário persistir na luta contra esse ato hediondo, dando destaque as questões sociais e lutas diárias das pessoas que são colocadas a margem da sociedades, devido sua aparência física, mas que lutam em busca de um justo viver e de respeito, atravessando as barreiras contra a discriminação.

O filme enfatiza assim, a luta contra o preconceito, discriminação, o racismo, as desiguais sociais, o quanto as pessoas que não se enquadram nos padrões da sociedade, tratando também sobre a inclusão das pessoas que são ditas aberrações e fardo para a sociedade, que vivem escondidas por medo do que podem sofrer, tanto de forma física, verbal e psicológica, passando a negar a si próprio. Arroyo enfatiza :

Representamos nossos corpos ora com orgulho, ora com rejeição, em função dos preconceitos que as estruturas sociais e a nossa cultura atribuem à classe, ao gênero, à cor e a idade dos corpos. Existe uma tensão entre nossas imagens do corpo como trabalhadores/as, homens, mulheres, negros, brancos, indígenas, jovens ou velhos e as imagens segregadoras que a sociedade joga sobre esses corpos com sua classe, seu gênero, raça, etnia ou idade. Há corpos tratados como estranhos. Até rejeitados. Exterminados. (ARROYO, 2017, p. 267)

Ou seja, o olha preconceituoso com que o outro é visto, o faz duvidar da própria identidade, a entrar em um processo de estranhamento tão banal, a ponto de fazer barbáries com o próprio corpo, a se auto sabotar para que seja aceito e não fique a fora dos padrões de “normalidade”

Uma das cenas que é bem emocionante , é quando os artistas do circo vão encontrar com Barnum, que se encontra bastante deprimido depois do incêndio e toda polemica com a cantora, a mulher barbuda fala em nome dela e dos demais, dizendo que por serem vistos como aberrações, foram excluídos não apenas pelos moradores da cidade, mas pela própria família, vivendo escondidos, para que ninguém os vissem, mas ,que ele os tirou das sombras, deu a cada um deles uma família e que o circo era o lar de cada um ali presentes. É notável que, além de tratar sobre questões, de discriminação, miscigenação, preconceito, violência e intolerância, o filme trás em si, o quanto uma verdadeira amizade significa em nossa vida, que família não significa ter o mesmo sangue, mas é sobre quem estar do nosso lado em todos os momentos

Barnum, comete vários deslizos, fica dividido entre as pessoas do circo e a cantora que, começou a fazer turner, se afasta da própria família, ver o seu sonho se arruinar, mas é com a força, dedicação e amizade daqueles que por muito tempo estiveram escondidos, que conseguiu se reerguer e conquistar tudo novamente.

Ao se pensar em uma das cenas mais tocantes do filme que é quando eles vão para a festa de comemoração da alta sociedade e são impedidos pelo próprio Barum de entrar, nos faz refletir muito sobre caráter de como a sociedade é muita das vezes a ruina de aceitação e inclusão, o que deveria acontecer que é o abraço das diferenças e o acesso de todos os tipos de corpos em todos os espaços, eles começam então a cantar “this is me” que significa “isto

sou eu” que é uma musica que fala de empoderamento e auto aceitação dos nossos corpos onde todos em conjunto com a família que escolhemos e que nos fortalece pelo simples fato de nos amar como nós somos, fala sobre como todos somos gloriosos em nossas especificidades e que os corpos diferentes que a todo tempo são negligenciados e excluídos, quando juntos e empoderados mudam o mundo.

Se faz necessário a quebra de paradigmas e preconceitos em relação a diferenças, somos todos únicos, e a única que coisa que temos em comum é as diferenças, nossas pluralidades não devem ser motivos de exclusão, mas sim de fortalecimento de nossas relações enquanto seres sociais.

Outro ponto que merece destaque, é quando o critico vai encontrar Barnum nos destroços que sobrou do circo, e diz: “sabe que não chamaria isso de arte. Mas colocar gente de todo tipo no palco, todas as cores, formas, tamanhos e apresenta-los como iguais, algum outro autor critico, poderia ate chamar de uma celebração a humanidade”.

Com isso, nos leva a pensar sobre a importância de trabalhar essa estranheza de forma positiva, como uma condição de dar um significado positivo a essa estranheza, de reverter o preconceito, a segregação e discriminação, pois é uma forma de entender a importância do respeito para com todos, é aprender a lidar com o corpo e suas diferenças sem desrespeitar e constranger. Miguel G. Arroyo, aponta essa importância de aprender a lidar com o corpo. Segundo este autor, aprender a lidar com o corpo é aprender a lidar com as diferenças de gênero, de raça, idade. É sucumbir e libertar-nos do preconceito, é aprender a lidar com a vida, é entender o quanto somos capazes de fazer e dizer, de surpreendermos tanto aos outros, quanto a nós mesmos através das performances dos corpos que se revelam e como expressões da cultura.

por isso, o filme é de extrema importância para o nosso crescimento enquanto seres humanos pois ele irá trazer muitas reflexões sobre sociedade, aceitação e diferentes formas de amor, pois as diferenças não são o que destroem a sociedade, mas o preconceito sim, mostra que as vezes as diferenças causam revolta, e para finalizar lhe pergunto porque? Porque quem lhe tira da sua zona de conforto com a sua diferença trás tanto medo? Porque a exclusão desses corpos em alguns espaços e aceitação em outros? Porque a vergonha em relação a eles? E porque o não reconhecimento desses corpos como seres humanos?

Com que perfil de beleza trabalha nossa cultura ? Há padrões construídos na racionalidade tão determinante de nossa formação social e cultural. Que cor que é reconhecido como o belo ? Que cor, que cabelo ? O componente social

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

racial ou racismo com que os corpos são enxergados e classificados em nossa cultura passam a ser preocupação [...] (ARROYO, 2017, p. 264).

No filme estava presente uma vasta gama de corpos considerados exóticos, personagens que fugia do que era considerado pelo senso comum, aceitável pela sociedade, havia pessoas com sobrepeso, magras, muito altas, mulheres barbadas, anões, negros, orientais e etc. Todos eles eram constantemente atormentados pelos olhares preconceituosos da sociedade, na qual faziam parte. Sociedade está que reconhecia o corpo diferente como abominável.

É preocupante a forma com que, nossa sociedade estabelece certo padrão e exige que os sigam. Tornando assim as pessoas que não se encaixam neles excluídas da sociedade, menosprezadas e humilhadas. Foi possível identificarmos tais aspectos no filme, as pessoas contratadas para trabalhar no circo, antes de começarem a trabalhar, eram escondidas em casa, ou ao sair na rua se cobriam para que não fossem notadas. O olhar preconceituoso do outro, estava presente em todos momentos.

De acordo com Arroyo (2017, p. 265), um dos defeitos da ditadura dos padrões de beleza mercantilizadas e racistas, até no trabalho, é humilhar, classificar aqueles que não conseguiram acompanhar esses padrões, criando crise de identidade.

A escola pode ajudar a descobrir essas experiências e aprender a lidar com essa riqueza mutável e surpreendente dos corpos. Pode ser uma lição para toda vida. O exercício pedagógico de conhecer-se a si mesmo e conhecer os outros. Conhecermos como humanos ponto como totalidade corpóreas (ARROYO, 2017, p. 265).

Na fala da personagem tem mostra que a família pode contribuir para a reprodução de preconceitos sociais, assim como afirma Santos e Costa (2018). “Percebemos que a escola e a família, enquanto instituições sociais, em grande parte, responsáveis pela invocação da visão biologizada de corpo ente jovens e estudantes”. E segundo Foucault (1987, apud Santos e Costa) “Todavia, como o corpo produz cultura e é significado pela cultura, sofre influência das mudanças de hábitos, do estilo de vida, da tecnologia, proporcionando ressignificações de corpos”

“[...] A ditadura dos corpos moldáveis, padronizados e perfeitos é construída na sociedade”. (SANTOS, COSTA, 2018, p.229).

É a ditadura da beleza, onde são rejeitados os corpos fora do padrão, os corpos tidos como estranhos. É preciso romper com esse padrão imposto pela sociedade, uma dos caminhos para isso é através de trabalhos feitos na escola, onde se trabalhe a beleza de todos os corpos, todos os tipos de identidade. Foucault (1982, apud Santos, Silva, 2018, p. 224).

“Nos tornamos sujeitos a partir das relações que mantemos com o ambiente em que vivemos”. “São as condições socioeconômicas, políticas e culturais que vão ditando as formas, os modos como devemos nos movimentar ou nos paralisar no mundo”. (SANTOS, COSTA, 2018, p. 224).

Em uma das falas de Barnum ele diz “Meu pai foi tratado como lixo a vida toda, eu fui tratado como lixo, mas minhas filhas não serão”. É uma frase forte do personagem, retrata como se sentem as pessoas que não se adequam aos padrões impostos pela sociedade. É uma frase marcante, percebemos muita dor, muito sofrimento nesse relato. Essa fala da personagem mostra como o preconceito é cruel, como esses padrões são injustos.

De acordo com Santos e Costa (2018) “As estimulações de um corpo sensível, seja pela dança, pelas artes, pelas diversas manifestações que são feitas fora e dentro da escola [...] são tentativas que fazemos de apresentar saúde e corpos para além das formas, estéticas ou convenções sociais que as relacionam, produzindo corpos moldados e construídos por representações que ignoram a singularidade dos indivíduos”. Os autores falam da importância da dança, da arte para dar visibilidade aos corpos reprimidos pela sociedade, a arte possibilita revelar a sensibilidade, a singularidade dos corpos. Assim como retratado no filme “O rei do show” foi através da arte, dos espetáculos apresentados no circo de Barnum ele conseguiu mostrar a beleza de corpos tidos antes como aberrações, os integrantes do circo conseguiram aceitar suas identidades e isso refletiu na relação com os outros, com a sociedade.

Um grande destaque na mudança de pensamento depois de se reconhecer, de se aceitar é na fala da mulher barbada, antes ela tinha medo de ser vista, não gostava de contato, após a entrada no espetáculo de Barnum, ela ironizou ao ouvir uma crítica jornal “estou quase ruborecendo”, ela ironiza, ela já não se importa mais, diferente da sua atitude no começo do filme quando conheceu Barnum.

“[...] Precisamos acordar o nosso corpo para que sejam potencializados [...] Percebemos na arte é a capacidade que ela tem de nos afetar, de prover estranhamentos. É essa experiência de estranhamento que produz um corpo vibrátil, que outrora foi esquecido para dar lugar a razão. “[...] A afetação é o acordar do corpo. É fazer existir para produzir pensamentos, pois anestesiado o corpo só consegue alcançar a tradição racionalista”. (SANTOS, COSTA, 2018, p.231).

Dessa forma segundo os autores através da arte é possível acordar o nosso corpo, acordar no sentido de mostrar sua beleza, de reconhecer a beleza dos corpos, despertando o corpo estaremos reconhecendo nossa identidade,

“Defendemos que o corpo deve ser colocado em cena. E quando o corpo entra em cena, torna-se um corpo vivo, vibrátil e sensível”. (SANTOS, COSTA, 2018, p. 231) .

Literalmente essa foi a grande sacada do protagonista do filme, dá visibilidade aos corpos “estranhos”, despertando a curiosidade das pessoas mostrou a beleza do “diferente, para assim romper com o preconceito da sociedade.

De acordo com Santos e Costa (2018) “ A repressão e a insurgência às representações de corpos tem o poder de dismantelar a tradição impositiva, conservadora e sectária dos modelos de corpos colonizados pelo capital”. Conforme vimos no filme os personagens lutaram para a sociedade respirar, aceitar a seus corpos, eles tiveram postura ativa, e literalmente até brigaram para defender sua identidade.

“[...] O papel da mídia, nesse processo de reificação do corpo moldável que percebemos na contemporaneidade, é materializado nos dispositivos midiáticos que ofertam sentidos e modelos cognitivos moldalizador biopolíticas, os quais fazem com os consumidores desses produtos moldem seus corpos e suas mentes na busca do prazer, da qualidade de vida e da felicidade, e essa busca provém é claro, da poderosa tecnociências”. (SANTOS, COSTA, 2018, p.225) Dessa forma os autores afirmam a grande influência da mídia na reprodução de preconceitos, de padrões sociais. No filme “O rei do show” vemos a influência da mídia, no caso através da crítica de jornal, através da crítica as pessoas tomaram conhecimento do circo de Barnum, o protagonista utilizou os jornais para divulgar seu espetáculo.

Segundo Santos e Costa (2018) nosso corpo é nossa identidade, dessa forma assim como vimos no filme “ O rei do show”, devemos lutar pelo respeito, as pessoas não são obrigadas a gostar, mas são obrigadas a respirar, pois ter características diferentes não significa ser inferior aos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola não alterar os padrões que já estão empregados na sociedade, mas pode oferecer o espaço para que ocorra debates sobre tais questões. E incentivar o respeito por todos os corpos. Por isso, é tão importante trabalhar a vasta diversidade de corpos, de cabelos, de raças, etnias etc. Mostrar que todos são diferentes, é possuem suas singularidades é que devemos respeitar.

O nosso corpo também pode ser estranho a nós mesmos outro quando as identidades de gênero, raça, etnia, alugar são destruídas por preconceitos. Quando trabalhamos essas questões com crianças, adolescentes ou jovens podemos encontrar essas estranheza com seus próprios corpos e os corpos

dos outros, das outras. Estranheza com suas identidades (ARROYO, 2017, p 282).

Os personagens do filme, são pessoas negadas pela sociedade por não se enquadrarem ao que era considerado belo na época. Eram diversas vezes chamados de aberrações e agredidos.

No filme algumas frases chamaram a nossa atenção, as quais foram: "eles riem de mim", dita pelo anão. É umas das frases mais chocantes, na qual um dos manifestantes contra os personagens que trabalham no circo, disse: "É a nossa cidade, achamos que você deve sair. Você é suas aberrações e seus negros".

A partir disso, é possível ver o quanto os personagens sofriam diariamente, com os olhares dos outros que os julgavam e os condenavam, os humilhavam, e os exploravam. Obrigavam que passassem suas vidas escondidos. Trancafiados em suas casas. Tornando-os pessoas isoladas da sociedade, com crise de identidade, pessoas inseguras.

De acordo com Arroyo (2017, p. 266), alguns projetos exploram as diversas performances dos corpos da dança, da capoeira, da moda, no teatro, nos conjuntos de rap do funk, rock. Os corpos aparecem em múltiplas faces, revelam quanto somos capazes de fazer e dizer. Resistindo à segregação cultivam o autorreconhecimento positivo.

É o que ocorre no circo, um espaço, no qual eles podem ser eles mesmos, e sentirem orgulhosos por serem diferentes. Onde eles foram acolhidos, e trabalharam a identidade positiva, o autorreconhecimeto, a partir das performances realizadas no palco, onde eles dançavam, cantavam etc.

Assim o circo torna-se um lar para eles, um lugar onde eles são respeitados, acolhidos e amados entre si. E depois pelo público. Isso é visível, em algumas cenas como quando um deles dizem, "nossas mães, sentem vergonha de nós. Nós esconderam a vida toda, aí você nos tirou das sombras". "O circo é meu lar".

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA**: itinerário pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FERREIRA, Denise. **7 dinâmicas rápidas para o início das aulas**. Disponível em:<<https://www.papodaprofessoradenise.com.br/7-dinamicas-rapidas-para-o-inicio-das-aulas/>>. Acesso em: 6 de Agos. 2019.

OLIVIER, Celso Eduardo. Puericultura: preparando o futuro para o seu filho. Novas Edições Acadêmicas, 2015.

SANTOS, Andréia Mendes; COSTA, Fábio Soares . R.S. PUCRS, 2018